

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS – BACHARELADO**

**LUANA GONÇALVES VENSON**

**O AMOR ENTRE CASAIS NA ARTE**

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2011**

**LUANA GONÇALVES VENSON**

**O AMOR ENTRE CASAIS NA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado para obtenção do grau de  
Bacharel no Curso de Artes Visuais da  
Universidade do Extremo Sul Catarinense  
– UNESC

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Ma. Silemar Maria de  
Medeiros da Silva

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2011**

**LUANA GONÇALVES VENSON**

**O AMOR ENTRE CASAIS NA ARTE**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção de Grau de Bacharelado, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 30 de junho de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva – (UNESC) - Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Ma. Amalhene Baesso Reddig – (UNESC)

Prof.<sup>a</sup> Esp. Agnes Ribeiro Pereira – (UNESC)

**A Deus em primeiro lugar pela força; a toda a minha família pela compreensão; aos amigos pelo apoio; e a minha orientadora pela paciência. A todos pelo amor.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força e determinação. Aos meus pais, por compreenderem minhas alterações de humor e pelas palavras de ânimo. Ao Tiago pelo incentivo e paciência em repartir minha atenção sempre envolvida com a necessidade de pesquisar, escrever e pensar sobre essa investigação, o tempo todo. Às minhas irmãs, Tamires e Maiara pelos “quebra galhos”, as idas à biblioteca enquanto eu ficava escrevendo sem parar, e pela ajuda a outros requisitos simples, mas muito importantes para o desenvolvimento deste desafio.

Agradeço à minha colega de curso Mariana pela amizade e por me ouvir sempre. À empresa e aos companheiros de trabalho pela disponibilização da ajuda necessária, especialmente à Gizeli, pelas dicas e sugestões mais que bem vindas. Aos professores pelos ensinamentos, aos colegas do curso pela vivência, e por dividirmos juntos todas as reações consequentes desta experiência, por todo o conhecimento adquirido, pelos sorrisos calmantes e também pelas frustrações em conjunto. E agradeço às minhas orientadoras, à professora Agnes, pelo amor à arte no meu tempo de criança como uma de suas estudantes da oficina de artes da E.M.E.I.E.F. Padre Ludovico Coccolo, à professora Amalhene (Lenita), por me ensinar a não desistir dos meus objetivos durante a disciplina de Projeto de Pesquisa em Arte, quando iniciei estudos sobre o amor e a arte, e em especial à minha orientadora Silemar, pela dedicação e incentivo, pela paciência em ler e reler várias vezes, por nunca desistir, sempre positiva com o olhar para um resultado objetivo da pesquisa.

Muito obrigada aos que estiveram ao meu lado durante esse período, contornando todos os altos e baixos, em busca da realização de uma etapa muito importante da minha vida. Agradeço a todos pelo amor.

**A arte diz o indizível; exprime o  
inexprimível, traduz o intraduzível.**

**Leonardo da Vinci**

## RESUMO

Esta pesquisa busca identificar quando a relação entre casais representados nas artes visuais evidencia o amor e o que caracteriza essa produção em diferentes épocas e lugares. Metodologicamente se insere na linha de pesquisa de Processos e Poéticas do curso de Artes Visuais Bacharelado. Com metodologia de natureza aplicada, qualitativa, exploratória e bibliográfica. Para tanto o diálogo teórico acontece a partir de autores como Coli (2004), Tolstoi (2002), Zamboni (2006), Duarte Jr. (1995), Ostrower (1987), Gombrich (1999), Proença (2005), Cumming (1998), Beckett (1997), Buscaglia (1972), Gikovate (1983), Feitosa (2004), Carneiro (2003), entre outros. O percurso teórico retoma na história das artes visuais estudos para melhor entender como diferentes artistas, na sua maneira e época representavam o amor entre casais. Em vista disto, aponto conceitos sobre esse amor identificado. Reflexões sobre os mitos do surgimento do Amor, Cupido na versão romana, ou Eros na mitologia Grega. Apresenta também alguns símbolos de representação do amor, lendas e associações. A investigação é construída em torno desse sentimento, das suas representações e manifestações na arte, e conclui-se com uma produção pessoal, partindo de uma característica marcante encontrada nas obras analisadas: o beijo. Este, como um gesto de amor, inspira a construção de um *quebra cabeça* de informações e memórias de uma vida romântica vestida de uma pesquisa em arte.

**Palavras-chave:** Arte. Amor na história da arte. Amor. Casal. Beijo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Akhnaton e Nefertiti com seus filhos, 1345 a. C.....	19
Figura 2 – Tutankhamon e sua esposa. 1330 a. C.....	20
Figura 3 – Sarcófago dos esposos. 520 a. C.....	21
Figura 4 – O príncipe Humay encontra a princesa chinesa Humayun em seu Jardim, 1430-40.....	22
Figura 5 – O casamento dos Arnolfini. 1934.....	23
Figura 6 – Adão e Eva, 1504. Albrecht Dürer.....	24
Figura 7 – Baco e Ariadne. 1522-23.....	25
Figura 8 – Vênus e Adônis, 1560.....	26
Figura 9 – O casamento de Isaac e Rebeca, 1648.....	27
Figura 10 – A Noiva Judia. 1665-67.....	28
Figura 11 – Mr. e Mrs. Andrews, 1749.....	29
Figura 12 – O Beijo. 1907-08.....	30
Figura 13 – O Beijo, 1907.....	31
Figura 14 – Os amantes, 1923.....	32
Figura 15 – Os amantes, 1928.....	32
Figura 16 – Reunion, 2010.....	34
Figura 17 – Realise, 2009.....	34
Figura 18 – O Beijo, s/d.....	34
Figura 19 – Red Love, s/d.....	35
Figura 20 – Nome desconhecido, 2011.....	35
Figura 21 – Eros e Psique. 1787-93.....	41
Figura 22 – O Beijo, 1886.....	45
Figura 23 – Caixa de cartas guardadas.....	47
Figura 24 – Etapas iniciais de desenvolvimento do painel.....	47
Figura 25 – Etapa de desenvolvimento – escrita, 2011.....	48
Figura 26 – Etapa de desenvolvimento – desenhos, 2011.....	48
Figura 27 – Cabe no amor de alguém, 2011. Luana Venson.....	49



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 Questões Metodológicas .....</b>	<b>11</b>
<b>2 A ARTE E SUA HISTÓRIA .....</b>	<b>14</b>
<b>2.1 Arte: Um sem número de sentidos para uma única palavra .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 Arte: Muita história pra contar .....</b>	<b>19</b>
<b>2.2.1 O mundo antigo e a arte no Oriente.....</b>	<b>19</b>
<b>2.2.2 A pintura Gótica e Renascentista .....</b>	<b>22</b>
<b>2.2.3 O Barroco e Rococó; O Neoclassicismo e Romantismo .....</b>	<b>27</b>
<b>2.2.4 O Pós-Impressionismo e o Século XX.....</b>	<b>30</b>
<b>2.2.5 O Século XXI .....</b>	<b>33</b>
<b>3 O AMOR ENTRE CASAIS NA ARTE .....</b>	<b>37</b>
<b>3.1 Amor? Que amor? O Cupido inspirando pincéis .....</b>	<b>38</b>
<b>4 A POÉTICA DO BEIJO: CONSTRUÇÃO PESSOAL .....</b>	<b>43</b>
<b>4.1 A história do beijo: Um gesto de amor .....</b>	<b>43</b>
<b>4.2 Construção pessoal: Cabe no amor de alguém.....</b>	<b>46</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O romance encanta, traz consigo a beleza de transformar corações. É belo, delicado, inspirador e arrebatador; as relações de amor entre um casal sempre marcaram presença na história. Trazem paixões *calientes*, romances doces, amores perfeitos e finais felizes; amores impossíveis e finais trágicos. Cada história com seu toque e perfil individual, na busca de alcançar suspiros do público, consequência de quem realmente entra na história e sente junto com os personagens, suas angústias, seu coração pulsando mais forte, o calafrio, as mãos geladas, e tudo parece real para quem se entrega como se fizesse parte da sua própria vida. Essas histórias são como sonhos que dialogam nas suas múltiplas linguagens com realidades diversas.

Partindo de um gosto estético que se constituiu pelos filmes de romance enquanto preferência de gênero, fui alimentando a possibilidade de evidenciar o amor entre casais enquanto tema de uma pesquisa de conclusão de curso. Mesmo o cinema não sendo o objeto dessa pesquisa, ele influenciou na escolha do tema em questão. Muitas dessas histórias marcaram épocas, são clássicos.

Enquanto aluna do curso de Artes Visuais - Bacharelado da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, sempre observava nas aulas como o artista retrata em suas obras expressões, sentimentos, emoções. Quando o amor estava em evidência percebia os olhares, a maneira como eram retratados. Olhando para a História da Arte e seus acontecimentos, percebo que o amor entre um casal aparece em vários momentos.

Por volta de 1345 a.C. no Egito, foram esculpidos em pedra calcária, Akhenaton e Nefertiti com seus filhos. As faces eram representadas quase da mesma maneira, sem expressões, ou muitos detalhes, mais mesmo assim pode-se perceber a diferença entre os dois, pelas vestes e alguns detalhes do corpo, também é possível perceber que é um casal pela aproximação dos dois, diferente de como seria representar irmãos ou amigos. No livro “História da Arte” de Gombrich, identifico também o surgimento de ilustrações de romances na Pérsia a partir do século XIV. “A cena de luar num jardim, inspirada num romance persa do século XV, é um perfeito exemplo dessa maravilhosa habilidade”. (GOMBRICH, 1999, p. 143). Percebo então a presença do amor, e dos romances na arte enquanto uma possibilidade de reflexão.

Contudo, proponho para a construção desta pesquisa um recorte para a

ação que, a princípio, mais identifica o amor entre um casal, o *beijo*. Ao assistir o filme “Cinema Paradiso” (TORNATORE, 1988), no momento em que traz o beijo inicialmente como parte da censura ditada pela igreja, e mais tarde aparece como lembrança que dá sentido ao amor, reforço esse desejo. Pretendo escolher algumas obras onde o beijo aparece na história das artes visuais para melhor analisá-lo, na busca por significações acerca desse gesto de amor.

Acredito que o amor é um sentimento que não pode se perder e que histórias de amor alimentam a alma. Penso também que nada melhor que a arte para representá-lo. Diálogos entre arte e amor são sublimes, constantes e apaixonantes, onde o público pode se identificar e até mesmo sonhar acordado, é claro que existem exceções, pessoas que não gostam e não se identificam com o tema, mas quem nunca amou ou sonhou em amar? Arrisco-me a dizer que é instintivo, é humano.

Para tanto, ainda nessa introdução, trago as questões metodológicas, como um subcapítulo. No segundo capítulo, iniciando assim o desenvolvimento da pesquisa, proponho discutir conceitos e história sobre arte, evidenciando o amor entre casais. Conceituando arte com Coli (2004), Tolstoi (2002) e Zamboni (2006). Outros estudos teóricos contam com Duarte Jr. (1995), Ostrower (1987) e diversos autores que contribuíram com dados sobre obra de arte, sensibilidade, criatividade, cultura, o belo, e diferentes fatores importantes. Este capítulo ainda percorre alguns períodos da história das artes visuais, movimentos artísticos, identificando a relação entre casais, diante de autores como Gombrich (1999), Proença (2005), Cumming (1998), Beckett (1997) dentre outros que proporcionaram o desenvolvimento do assunto.

No terceiro capítulo busco analisar o amor que encontro, ou não na arte, trazendo conceitos, mitos, lendas, e simbolizações diversas. Partindo de relatos sobre esse sentimento e suas diversas manifestações. Estudos abordados a partir de Buscaglia (1972), Gikovate (1983), Feitosa (2004) e outros.

No quarto capítulo abro espaço para o beijo, um dos gestos mais significativos do amor entre um casal, como inspiração para a execução de uma produção artística, resultante de uma pesquisa em arte. Partindo de alguns relatos históricos, experiências e representações, que vão formulando a poética da produção em todas as suas etapas, expondo influências, vivências e memórias de uma vida romântica, de sonhos e poesia. Conto com os estudos de Carneiro (2003).

Penso que esta pesquisa possa contribuir para mostrar que o amor pode modificar as pessoas e revitalizar diferentes vivências. Esse tema pode buscar na sensibilidade humana a necessidade constante de ver a arte como reflexo da vida.

Relembrando sobre o filme “Cinema Paradiso” (TORNATORE, 1988), vejo o quanto as cenas de romance, como o ato do beijo, eram importantes para as pessoas que iam ao cinema, e como ficavam decepcionados ao ver que elas não apareciam, por causa da censura da igreja. Mais tarde quando a igreja não tomava mais conta do cinema, não com tanta evidência, a expressão das pessoas ao ver pela primeira vez a cena tão esperada do beijo é encantadora e emocionante. Tanto que no filme, Alfredo (Philippe Noiret) o projecionista, guardava esses pedaços de *película* retirados pela censura, com tanto carinho, como uma relíquia ou um tesouro. No final, momento em que essas cenas aparecem todas em sequência é comovente. O personagem Totó (Jacques Perrin) já adulto, faz-se retrato dessa relação entre arte, amor e beijo. A presente proposta coloca-se como um desafio que cerca o problema: Quando a relação entre casais representados nas artes visuais evidencia o amor e o que caracteriza essa produção em diferentes épocas e lugares?

### **1.1 Questões Metodológicas**

Trata-se assim de uma pesquisa científica, o que para Minayo (2009, p. 16) apresenta ser uma “[...] atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade”. Em outras palavras, “pesquisa é a busca sistemática de soluções, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a qualquer área do conhecimento humano” (ZAMBONI, 2006, p. 50).

Esta pesquisa intitulada *O amor entre casais na Arte*, procura refletir sobre: “Quando a relação entre casais representados nas artes visuais evidencia o amor e o que caracteriza essa produção em diferentes épocas e lugares?”. Entendo que não existiria motivo para pesquisar se não houvesse a vontade de descobrir algo. Segundo Minayo (2009, p. 16) “Toda investigação se inicia por uma questão, por um problema, por uma pergunta, por uma dúvida”.

Todo o processo decorre do objetivo de investigar a representação da relação entre casais na história das artes visuais, analisando a evidência do amor nas mesmas, no qual contemplo aprofundados estudos teóricos sobre estas

relações, identificando as principais obras de cada período ou movimento. Pesquisar, assim, a influência desses períodos sobre as obras encontradas, juntamente com o estilo do artista estudado. Entender como o amor era e é representado, quando e como posso identificá-lo.

A presente pesquisa se encontra na linha de Processos e Poéticas do Curso de Graduação em Artes Visuais – Bacharelado, a qual se define enquanto: Tecnologias, elementos e processos de criação, reflexão e poéticas das Artes Visuais. Buscando um caminho para criação e pesquisa, o presente desafio tem como objetivo desenvolver a base teórica para a construção de uma produção artística e poética decorrente de uma pesquisa em arte. Pesquisa essa classificada de natureza aplicada, que objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos.

Quanto à forma de abordagem do problema será numa perspectiva qualitativa que “trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (MINAYO, 2009, p. 21), pois nesse caso não há preocupação com representações numéricas.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, e do ponto de vista dos seus objetivos classificando-se como pesquisa exploratória, segundo Minayo (2009, p. 17) é aquela “na qual o investigador vai propondo um novo discurso interpretativo”. Possibilita uma maior familiaridade com a situação problema, procura envolver e relacionar, destacando percursos da história da arte, artistas e obras.

A pesquisa bibliográfica é o ponto de partida de toda pesquisa, levantamento de informações feito a partir de material coletado em livros, revistas, artigos, jornais, sites da internet e em outras fontes escritas, devidamente publicadas. (MARTINS, 2004. p. 86)

Contudo, tendo em vista que “[...] exclusivamente as pesquisas relacionadas à criação artística, que se desenvolve visando como resultado final a produção de uma obra de arte, e que são empreendidas, em virtude desse fato, por um artista” (ZAMBONI, 2006, p. 7), apresento então uma produção artística, como consequência desta pesquisa. Um painel de memórias do amor. Monto um conjunto de histórias guardadas, através de desenhos, cartas e outros elementos. Formando uma identidade através de momentos vividos, ou que sonho viver e com a experiência vivenciada no decorrer desta investigação.

Dentro de um tempo determinado<sup>1</sup>, desenvolvi a busca teórica, enquanto tive algumas experiências artísticas até a definição do trabalho plástico propriamente dito, o qual partiu de uma compreensão maior e melhor sobre o tema proposto. Segue então o desenho dessa investigação enquanto uma relação de amor que vai tomando corpo entre traços e cores, entre linhas e formas para melhor socializar esse caminhar poético e estético que a pesquisa em arte proporciona.

---

<sup>1</sup> Como Trabalho de Conclusão de Curso, esta investigação acontece no período de um semestre (de março a junho/2011)

## 2 A ARTE E SUA HISTÓRIA

Contemplar a pesquisa desenvolvendo diálogos a partir do que diferentes autores falam sobre arte é necessário quando se pensa uma produção na perspectiva da escrita acadêmica, a qual traz como alimento maior a própria arte. Faz-se necessário, então, melhor definir de que arte se está falando. Proponho buscar na história das artes visuais, em cada período, ampliar conhecimentos. Traçar caminhos para o encontro de obras clássicas, mais populares e inspiradoras para melhor pontuar o foco dessa investigação, qual seja: a representação do amor na arte.

Para tanto esse capítulo se desenha entre dois caminhos: O conceito de arte e sua história.

### 2.1 Arte: Um sem número de sentidos para uma única palavra

Pensar em arte nos provoca a procurar definições para a mesma, e percebo com essa procura o quanto é difícil conceituá-la:

Dizer o que seja a arte é coisa difícil. Um sem-número de tratados de estética debruçou-se sobre o problema, procurando situá-lo, procurando definir o conceito. Mas, se buscamos uma resposta clara e definitiva, decepçamos-nos: elas são divergentes, contraditórias, além de freqüentemente se pretenderem exclusivas, propondo-se como solução única. (COLI, 2004, p. 7)

Com isso vejo que, sobre arte, encontramos muitas discussões, análises, múltiplos pensamentos, na visão de autores distintos, de profissionais da área e também de pessoas leigas. Todos falam e pensam de uma maneira, entendem ou não arte, ou a entendem à sua maneira, pois, sentem o que ela transmite e o que provoca, e dependendo da cultura de cada um, o diálogo com a arte é diferente. Com isso, identifico no texto de Coli, (2004, p. 8) que: “arte são certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo, isto é: nossa cultura possui uma noção que denomina solidamente algumas de suas atividades e as privilegia”. Tolstoi (2002, p. 15) traz um conceito parecido sobre arte, fala da boa arte como uma transmissão de sentimentos do bem, que contaminam o espectador. Seu pensamento sobre o assunto em questão diz que:

A Arte é a atividade humana que consiste em um homem comunicar conscientemente a outros, por certos sinais exteriores, os sentimentos que vivenciou, e os outros serem contaminados desses sentimentos e também os experimentarem.

Se pensarmos na palavra “Arte”, imaginamos uma vastidão de sentidos, uma palavra que, em diferentes contextos e situações, pode ter um significado diferente. Mas o sentido que aqui será abordado refere-se ao capital artístico cultural e é desse que trato. Segundo Zamboni (2006, p.23) “A arte é uma forma de conhecimento que nos capacita a um entendimento mais complexo e, de certa forma, mais profundo das coisas”. Ela transforma algo básico e normal num objeto ou ação notória, que chama a atenção das pessoas. Pode passar uma mensagem diferente, ou alertar para algo importante, seja qual for a intenção do artista ele precisa ter algo para dizer em suas obras, como “alguma coisa que é fruto de suas experiências de vida e de sua observação das experiências dos outros.” (FEIST, 1996, p. 8). O artista representa o que vê, e como vê as coisas e o mundo ao seu redor.

A emoção despertada por uma obra depende muito de quão ampla seja a visão de mundo não só do artista, mas do observador também, e da intensidade com que eles vivem. Tendo em consideração também que essa emoção “[...] varia muito de indivíduo para indivíduo” (FEIST, 1996, p. 10) e que para uma obra ser completa depende da função do observador que é imprescindível porque “o espectador completa o sentido de uma obra.” (DUARTE JR., 1995, p. 93). A obra não existe sem o papel do espectador ele “não é somente a testemunha que consagra a obra, ele é, à sua maneira, o executante que a realiza; o objeto estético tem necessidade do espectador para aparecer.” (DUFRENNE, 1972 apud DUARTE JR., 1995, p. 94) Independente de o artista querer indicar uma determinada direção para os sentimentos dos espectadores através de sua obra, isso depende da situação existencial de cada um. O espectador completa a obra vivendo suas peculiaridades. (DUARTE JR., 1995).

Posso dizer que se gosto muito de uma música, por exemplo, que me deixa alegre, ao mesmo tempo ela pode deixar outra pessoa triste por algum motivo. O gosto, a forma de pensar, agir, interpretar, entre outros, depende de cada pessoa. E é aí que a arte encontra um dos fatores mais importantes para sua construção:

[...] ela permite várias interpretações, várias “leituras”, quer dizer, várias



formas de ver o mesmo produto artístico. E por isso desperta os mais variados sentimentos: alegria ou tristeza, serenidade ou inquietação, confiança ou medo. E muitas e muitas vezes também nos leva a pensar sobre o homem e o mundo, sobre nós mesmos e os outros. (FEIST, 1996, p.10).

A arte é entendida de acordo com a vivência de cada um, e muitas vezes você vê, sente, mas não sabe dizer o que significa ou o objetivo daquilo, e a arte é assim, ela “é sentida e receptada, mas de difícil tradução para formas integralmente verbalizadas”. (ZAMBONI, 2006, p. 32). Percebo o quanto ela nos permite rever e representar as coisas de uma forma que possamos realmente tocar as pessoas, que a banalização do mundo de hoje, muitas vezes, pode ter fechado nossos olhos. O contato com a arte nos permite outra educação, um olhar mais crítico, uma experiência estética. Duarte Jr. cita Alves, para falar de quando vivemos uma experiência estética. Para ele:

[...] o cotidiano é colocado entre parênteses e suspenso. Suas regras são abolidas. Por um momento o princípio do prazer coloca diante de nós a sua criação, que nos envolve carinhosamente. O mundo real parou. Desfez-se. Do ventre estéril surge uma nova realidade com que nos embriagamos misticamente. (ALVES, 1975 apud DUARTE JR., 1995, p. 91).

A experiência que a arte proporciona é, muitas vezes, distinta da realidade que se vive, do mundo real. Pode-se dizer que a obra te transporta para outro mundo, um mundo de sonhos, pois a arte não tenta comunicar conceitos ela é:

[...] expressão de sentimentos. É a tentativa de concretizar, numa forma, o mundo dinâmico e inefável dos sentimentos humanos. Numa obra de arte são os sentimentos que nos são apresentados, para que possamos contemplá-los, revivê-los e senti-los em sua natureza. (DUARTE JR., 1995, p. 88)

A obra comunica os sentimentos. E a sensibilidade é a porta de entrada para essas sensações (OSTROWER, 1987). Em cada um reflete de maneira diferente, uma obra pode agradar uma pessoa, fazer sorrir, a outra pode trazer lembranças ruins e deixar a pessoa triste, cada qual tem uma experiência de vida que interfere na apreciação de uma obra.

A beleza absoluta e eterna inexistente, ou melhor, é apenas abstração empobrecida na superfície geral das diferentes belezas. O elemento particular de cada beleza vem das paixões, e como temos paixões

particulares, temos nossa beleza particular. (BAUDELAIRE, 1846 apud MORAIS, 1998, p. 27).

A condição de belo é estipulada por cada um de acordo com seus gostos particulares, “aquilo que para mim é belo, para outro pode não ter beleza alguma” (DUARTE JR. 1995, p. 92). Vejo então, segundo Duarte Jr. (1995) que a qualidade de belo não está nos objetos e nem na consciência dos sujeitos, ela nasce do encontro dos dois, ligando os sujeitos e o objeto numa mesma estrutura. Percebo então que o belo não está nas coisas, ele é relativo ao valor que se dá a elas. Como afirma o pensamento axiológico<sup>2</sup> (MORA, 1998, p. 66) “a beleza não é uma propriedade das coisas ou uma realidade por si mesma, mas um valor”.

O belo dialoga diretamente com a expressividade da arte. Sua capacidade de levar as pessoas para além do que conhecem e estão acostumadas, pois:

A obra de arte está dentro e fora de nós, ela é nosso dentro ali fora. É isto que faz dela um objeto especial – um ser novo que o homem acrescenta ao mundo material, para torná-lo mais humano. A arte não seria uma tentativa de explicação do mundo, mas de assimilação de seu enigma. Se a ciência e a filosofia pretendem explicação do mundo, esse não é o propósito da música, da poesia ou da pintura. A arte, abrindo mão das explicações, nos induz ao convívio com o mundo inexplicado, transformando sua estranheza em fascínio. (GULLAR 1993, apud MORAIS, 1998, p. 41).

Pensar, às vezes, conduz a algo muito mais longe, a bagagem emocional e cultural de cada um tem muito a ver com os sonhos e lugares para onde a arte pode levar. “A arte é o lugar da liberdade perfeita” (SUARÊS, s/d apud MORAIS, 1998, p. 42). Ela pode te levar para um lugar que sozinho nunca poderá ir.

Além de todo o sentido e significado, a arte também exige técnicas. Com tudo isso, Feist (1996, p. 9) tenta definir a arte como “um produto da criatividade humana, que, utilizando conhecimentos e técnicas e um estilo ou jeito todo pessoal, transmite uma experiência de vida ou uma visão de mundo, despertando emoção em quem a usufrui”. Importante também ressaltar o que é essa criatividade humana. Para Zamboni, com relação à criatividade, ele explica que:

[...] é um processo de busca de soluções interiores, mas não é claro nem ao próprio indivíduo que o exercita; as soluções começam a se tornar

---

<sup>2</sup> O vocábulo “axiologia” usa-se mais particularmente em relação a valores éticos e estéticos, fundamentado na teoria dos valores. (MORA, 1998, p. 60)

conscientes à medida que vão ganhando uma forma, quer no desenho e cores expressos no cavalete de um pintor, quer nas resoluções e fórmulas de um cientista. (2006, p. 33)

A criatividade é da natureza humana, essencial para a vida, mais que uma visão artística, é também política, econômica social e cultural (OSTROWER, 2003). O homem surge na história como um ser cultural. Segundo Ostrower (2003, p. 13) cultura “[...] são formas materiais e espirituais com que os indivíduos de um grupo convivem, nas quais atuam e se comunicam e sua experiência coletiva pode ser transmitida através de vias simbólicas para a geração seguinte”.

É nessa perspectiva de discussão e reflexão sobre as vias simbólicas do amor, que proponho a pesquisa em arte. Partindo assim, de conhecer e evidenciar o amor entre casais, nas obras de arte presentes no meio em que vivemos e na história. Entendo essas obras que evidenciam o amor como símbolos que transmitem para todas as gerações o que é o amor, mostrando suas fases e como a sociedade via e vê essa relação de amor entre um casal. Costurando uma análise entre a representação do amor na arte desde a antiguidade até os dias atuais, e identificando como esse amor é retratado e quais foram as modificações com o passar dos anos.

Sabemos que a cultura ao mesmo tempo em que influencia na visão de cada um, orienta o ser sensível ao mesmo tempo em que o conscientiza (OSTROWER, 2003). Percebo que o próprio ato de criar está ligado a essas memórias, lembranças e conceitos criados pelo cultural de cada sociedade. Ostrower (2003) diz que as línguas constituem sistemas de comunicação, através de várias linguagens, e que o ato criativo está articulado a uma série de ordenações internas e externas, afirmando, assim, que a cultura influencia quando você cria. A autora também coloca que nosso mundo de imaginação e fantasia é gerado pelas associações espontâneas que surgem em nossa mente, de coisas que seriam possíveis, mas nem sempre prováveis. As prioridades interiores influem em nosso fazer, no que queremos criar. Contudo, é aí que sinto o porquê da vontade de pesquisar sobre o amor, pela capacidade e desejo de pensar e imaginar situações e coisas românticas a maior parte do tempo, enquanto penso em arte, amor e em vida, que é do que venho falando o tempo todo.

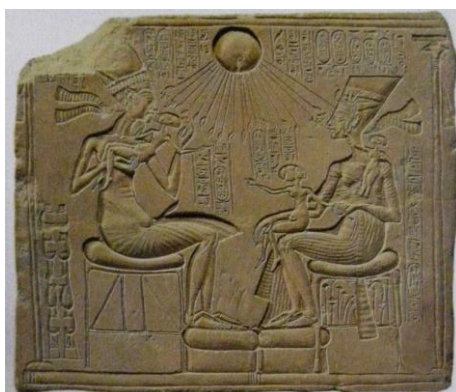
## 2.2 Arte: Muita história para contar

Desde os primórdios da história a arte vem deixando marcas, traçando caminhos, formando significados, inovando e transformando a vida. Julgo importante traçar uma linha do tempo, citando os períodos mais importantes da história da arte onde encontro a representação do amor entre casais.

### 2.2.1 O mundo antigo e a arte no Oriente

Nesse percurso pela história da arte, encontro com o primeiro vestígio da relação entre um casal, o relevo em pedra calcária de 32,5 x 39 cm, de Akhnaton e Nefertiti com seus filhos, 1345 a.C., (Figura 1).

Figura 1 - Akhnaton e Nefertiti com seus filhos, 1345 a. C.  
Museu Egípcio, Staatliche Museem, Berlim



Fonte: Gombrich, 1999, p. 67

Amenófis IV foi um rei da 18ª Dinastia, governou no período chamado “Novo Reino”, que mais tarde intitulou-se Akhnaton. Ele rompeu com muitos costumes da tradição egípcia, que na época incorporou uma série de leis rigorosas, e todo artista tinha que atendê-las. Por isso a arte egípcia não mudou muito no decorrer de três mil anos.

Akhnaton não desejava render homenagens aos deuses estranhos de seu povo como era o costume. Para ele só havia o deus Aton, representado pela forma do disco do sol, enviando seus raios (GOMBRICH, 1999). As obras que ele encomendou devem ter chocado o povo do seu tempo. Ao invés de representar a imponente e rígida dignidade dos faraós anteriores, ele preferiu “fazer-se representar

com sua esposa Nefertiti, acariciando seus filhos sob as bênçãos do sol” (GOMBRICH, 1999, p.67). Será que, para ele era muito mais importante mostrar o amor por sua esposa e família?

Ainda caminhando pela história da arte egípcia encontro um detalhe de talha dourada e pintada, feito por volta de 1330 a.C. de Tutankhamon e sua esposa (Figura 2), vindo do trono encontrado no seu túmulo.

Figura 2 - Tutankhamon e sua esposa. 1330 a. C.  
Museu Egípcio, Cairo.



Fonte: Gombrich, 1999, p. 69

Em algumas das obras de Tutankhamon, ainda aparece, em especial, o espaldar do trono real, um estilo moderno da religião de Aton. Esta em especial, segundo Gombrich (1999, p. 68):

[...] mostra o rei e a rainha num idílio doméstico. Ele está sentado numa atitude que poderia ter escandalizado os rígidos conservadores do seu tempo – quase refestelado, pelos padrões egípcios. A esposa não é menor do que ele, e gentilmente coloca a mão no ombro do rei, enquanto o deus-Sol, outra vez, estende suas mãos numa benção a ambos.

Tutankhamon aparece neste detalhe relaxado e com um dos braços sob a cadeira, diferente dos padrões egípcios da época, onde as mãos deviam estar sobre os joelhos, e onde os homens deveriam ser pintados com a pele mais escura que a das mulheres (GOMBRICH, 1999). Do Egito, viajo para Roma, onde a fundação da cidade está cercada de lendas e mitos. Considera-se que a formação de Roma se deu por volta de 753 a.C. A formação cultural do povo romano sofreu influência dos gregos e etruscos. Os etruscos trouxeram a ideia de expressar a realidade vivida na

arte, e os gregos o ideal de beleza. Nisso descubro o “Sarcófago dos esposos” 520 a.C., (figura 3). Para os etruscos a escultura, assim com a pintura era um complemento para a arquitetura, os templos e túmulos. (PROENÇA, 2005).

Figura 3 - Sarcófago dos esposos. 520 a.C.  
Museu Nacional de Villa Giulia.

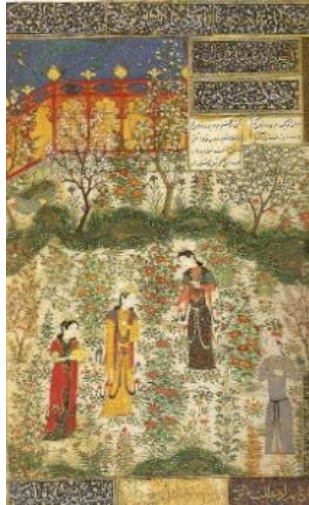


Fonte: Proença, 2005, p. 35

Provando assim que o amor esculpido atravessa as eras, segundo Proença (2005, p. 35) essa escultura “procura reproduzir com fidelidade a imagem de um casal. O rosto do homem e o da mulher parecem expressar os sentimentos que os unem, e a posição das mãos sugere a proteção e carinho entre eles”.

Percorrendo essa linha do tempo histórica, passo pelas incríveis obras do oriente, a qual, me encanto por uma em especial (figura 4), que retrata um príncipe persa chamado Humay, quando encontra a princesa chinesa Humayun em seu jardim. Um manuscrito persa datado de 1430-40, inspirado num romance persa do século XV.

Figura 4 – O príncipe Humay encontra a princesa chinesa Humayun em seu Jardim, 1430-40



Fonte: Gombrich, 1999, p. 146

Mostra a maravilhosa habilidade do desenho dos artistas do oriente, lembra um tapete. Não aparece luz e sombra nem tão pouco uma estrutura do corpo. “As figuras e plantas parecem ter sido recortadas de papel colorido e distribuídas pela página para formar um padrão perfeito”. (GOMBRICH, 1999, p.143). Contudo, a graça que posso perceber no olhar dos personagens é o mais encantador, pode-se entrar no jardim e imaginar, tudo o que estava acontecendo ali, na luz do luar.

Esses “romances”, estampados em diferentes períodos da história da arte vão marcando o amor entre casais, marcados pelo tempo e traços de cada período. A arte: muitas histórias para contar; vem falar desses romances estampados nas relações entre casais, do afeto, do carinho presente, em seus olhares e até mesmo em pequenos gestos.

### 2.2.2 A pintura Gótica e Renascentista

Nessas muitas histórias que permeiam o vasto mundo da arte, no início do século XV o gótico internacional desenvolve uma vertente para a “nova forma de pintura que surgiu nos Países Baixos no começo do século XV distinguia-se pelo intenso realismo pictórico” (BECKETT, 1997, p. 60). Dos artistas deste período destaque Jan Van Eyck, que atingiu sua fama com a pintura de retratos. Um dos seus mais famosos é o *Casamento de Arnolfini*, ou *Os esposais dos Arnolfini*, datado de

1434, óleo sobre madeira, 81,8 x 59,7 cm, representa “um mercador italiano, na companhia de sua noiva, Jeanne de Chenany”. (GOMBRICH, 1999, p. 240). Para Beckett (1997) e Cumming (1998) o nome da noiva era Giovanna Cenami, mas o que importa aqui é: *o quanto essa relação evidencia ou não o amor?* Talvez a resposta se encontre no olhar do observador.

O retrato (figura 5) é perfeito e quase todos os objetos e personagens podem ser interpretados como um símbolo<sup>3</sup>. Beckett (1997, p. 64) detalha a cena, onde se percebe a intensidade dos sentimentos:

O leito, a solitária vela acesa, o solene momento de união em que o jovem noivo está prestes a pousar a mão direita na de sua prometida, as frutas, o fiel cãozinho, o rosário, os pés descalço (pois se trata do chão em que se dará uma união sagrada e até mesmo a distância respeitosa entre Giovanni Arnolfini e Giovanna Cenami) todos esses elementos unificam-se no reflexo do espelho.

Acredita-se que essa pintura fosse como um certificado do casamento dos Arnolfini, como uma certidão de casamento.

Figura 5 – O casamento dos Arnolfini. 1934



Fonte: Beckett, 1997, p. 64

Detalhes sustentam esse pensamento, como o autorretrato de Van Eyck no espelho, junto à outra pessoa, como testemunhas (BECKETT, 1997). Outro elemento que comprova o ato é a assinatura acima do espelho, com os dizeres:

<sup>3</sup> Símbolo: 1- Qualquer coisa usada para representar outra: *o leão é o símbolo da coragem*. 2- Divisa, emblema, marca sinal que representa qualquer coisa. (MICHAELIS, 2008, p. 803)



“*Johannes de Eyck fuit hic 1434*”<sup>4</sup> (CUMMING, 1998). Isso decorria dos costumes da época para a realização de uma cerimônia de casamento. “No século XV, o casamento era o único sacramento cristão que não requeria a presença de um padre; podia ser realizado em particular, na presença de duas testemunhas.” (CUMMING, 1998, p. 15).

No início do século XVI aconteceu a propagação do novo saber. Todos os artistas olhavam para a Itália interessados nas grandes realizações e invenções dos mestres italianos. A descoberta da perspectiva científica, o conhecimento de anatomia e as formas clássicas de construções. (GOMBRICH, 1999)

A obra clássica que permeia minha pesquisa no momento é do maior artista alemão, Albrecht Dürer (1471-1528). Obra essa construída na época em que Dürer procurava o equilíbrio dos corpos humanos, a harmonia perfeita: testando várias regras de proporções, desenhava os corpos longos demais, ou largos demais. Desenvolve, em 1504, uma gravura de Adão e Eva (figura 6), com 24,8 x 19,2 cm, um dos primeiros resultados desses estudos, nela ele colocou todas as suas ideias de beleza e harmonia, ficou tão orgulhoso que assinou seu nome completo na obra. (GOMBRICH, 1999). Ainda assim precisava buscar mais conhecimento, segundo Gombrich (1999, p. 349):

As formas harmoniosas a que ele chegou medindo diligentemente com a régua e compasso não são tão convincentes nem tão belas quanto os modelos clássicos e italianos. Há uma leve sugestão de artificialidade, não só na forma e postura, mas também na composição simétrica.

Figura 6 – Adão e Eva, 1504. Albrecht Dürer.



Fonte: Gombrich, 1999, p. 348

<sup>4</sup> Em latim, Jan Van Eyck esteve aqui em 1434. (CUMMING, 1998).

No entanto, para contemplar as características da obra o autor nos descreve o ambiente dela:

[...] o jardim do Éden, onde o rato convive tranquilamente com o gato, onde o alce, a vaca, o coelho e o papagaio não temem o rastro de pés humanos, se mergulharmos o olhar no bosque espesso onde cresce a árvore do saber, se observarmos a serpente que oferece a Eva o fruto proibido, enquanto Adão estende a mão para recebê-lo [...] (GOMBRICH, 1999, p.349)

Na Renascença italiana a busca por precisão científica e maior realismo era intensa, Ticiano é um dos mestres da Alta Renascença, quando a pintura começa a amadurecer. O artista era também um dos maiores artistas venezianos do mundo, e já bem no fim de sua vida, pintou diversas cenas mitológicas. (GOMBRICH, 1999)

As séries esplêndidas de Ticiano sobre a mitologia, segundo Cumming (1998, p. 36) foram “encomendadas por Alfonso d’Ester, duque de Ferrara, para decorar uma sala de alabastro em sua casa de campo”. Uma das mais famosas obras dessa coleção é a representação de “Baco e Ariadne” (figura 7), obra produzida de 1522 a 1523, com 175 x 190 cm. No quadro podemos ver “o momento eletrizante em que Ariadne, filha do rei Minos de Creta, encontra Baco, o deus do vinho, e os dois se apaixonam à primeira vista” (CUMMING, 1998, p. 36).

Figura 7 – Baco e Ariadne, 1522-23.



Fonte: <http://herculeseseus12trabalhos.wordpress.com/category/7-os-argonautas/7-2-teseu/7-2-2-ariadne/>

O quadro é repleto de cor, característica renascentista de Ticiano, seu tema apaixonado ainda reserva a parte da história que conta que “Baco toma a coroa de Ariadne e a joga para o céu, onde se torna uma constelação (canto

superior esquerdo). Mais tarde ele a desposou e por fim ela recebeu o dom da imortalidade.” (CUMMING, 1998, p. 36)

Analisando mais profundamente a obra, nota-se que alguns detalhes fazem toda a diferença falando de amor, que é o que venho buscando na representação dessas obras. Segundo a análise de Cumming (1998) cruzando duas diagonais sobre a obra podemos observar que mesmo que os pés de Baco ainda estejam com seus companheiros no canto inferior direito, a sua cabeça e o seu coração já se uniram a Ariadne. Ariadne foi abandonada por seu amante, caminhava sozinha, e quando encontrou Baco, foi amor à primeira vista. Estes são detalhes, dentre tantos outros, como símbolos, que identificam esse amor.

Outro desses temas recorrentes a mitologia foi “Vênus e Adônis” (figura 8), retratados por Ticiano em 1560. A obra possui 107 x 136 cm. Beckett (1997, p.134) aguça nosso olhar exemplificando claramente cada detalhe da cena, para ele:

[...] a deusa do amor suplica ao belo jovem que fique com ela, sabendo, profeticamente, que ele será morto numa caçada. Adônis não quer ouvir, não quer acreditar (o que é típico da inexperiência) que possa morrer. É como todo jovem que parte para a guerra ou a aventura, e Vênus é como toda mulher ao tentar detê-lo.

Figura 8 – Vênus e Adônis, 1560.



Fonte: Gombrich, 1999, p. 348

Vênus mostra as magníficas costas e nádegas, sedutora. Adônis, ao contrário da maciez de Vênus, tem a pele resistente e viril. O artista retrata essas características com perfeição nessa fase de sua vida, com os tons trêmulos, mostra a beleza bruxuleante da carne. (BECKETT, 1997)

### 2.2.3 O Barroco e Rococó; O Neoclassicismo e Romantismo

No século XVII, surgiu em Roma o Barroco. Estilo comprometido com a emoção genuína, e com a ornamentação vivaz.

O drama humano tornou-se elemento básico na pintura barroca e era em geral encenado com gestos teatrais muitíssimo expressivos, sendo iluminado por um extraordinário claro-escuro e caracterizado por fortes combinações cromáticas. (BECKETT, 1997, p. 173)

Logo após, em Paris, origina-se o Rococó, como sucessor do Barroco. “Ele enfatizava a leveza, a decoração e o refinamento estilístico.” (BECKETT, 1997, p.173). Nesse período da história da arte descubro nas paisagens de Claude “um sonho poético, imagens de um mundo abundante, seguro, fértil e domesticado, onde o homem e a natureza coexistem em pacífica harmonia.” (CUMMING, 1998, p. 54) Imagens essas idealizadas de um paraíso terrestre. A obra desse período que me chama atenção é um título da história do Velho Testamento, O casamento de “Isaac e Rebeca” (figura 9), pintura produzida em 1648, com medidas de 149 x 197 cm.

Figura 9 – O casamento de Isaac e Rebeca, 1648.



Fonte: [http://liricoeonirico.blogspot.com/2008\\_03\\_01\\_archive.html](http://liricoeonirico.blogspot.com/2008_03_01_archive.html)

A pintura retrata a história de que “Isaac, filho do patriarca Abraão, teve um casamento feliz com Rebeca, que veio da Mesopotâmia, e os dois viveram em Cannã (Gên. 24).” (CUMMING, 1998, p.54).

Outro pintor que se destaca nesse período é Rembrandt Van Rijn (1606-1669), quando na pintura houve um grande destaque para o realismo e para as coisas simples do cotidiano, numa visão protestante holandesa. (BECKETT, 1997, p.173). A obra dele em questão, que traz as características importantes para esta

pesquisa é, “A noiva judia” (figura 10), 1665-1667, com 122 x 168 cm. Uma das obras mais penetrantes de Rembrandt. Na obra, os personagens vestem trajes bíblicos, mostram que o casal é judeu. Não se sabe quem são esses dois, mas segundo Beckett (1997, p. 204) “fica evidente que estão casados”.

Figura 10 – A noiva Judia. 1665-67.



Fonte: Beckett, 1997, p. 204

Observando a cena nota-se que “o marido envolve a mulher num abraço de pungente ternura. Coloca a mão esquerda no ombro da esposa e a outra num presente amoroso, a corrente que prende abaixo dos seios” (BECKETT, 1997, p. 204). A corrente é um presente do marido, e esse semblante preocupado da mulher, segundo Beckett (1997, p. 204) se deve ao fato de ela estar “pensando nas responsabilidades de amar e ser amada, de receber e dar.” E as suas mãos estão sobre o ventre, pois os filhos são a maior responsabilidade que o amor de um casal pode gerar. Rembrandt torna a pintura inesquecível, por transmitir a verdade profunda do amor, a sublime beleza visual que mostra que “o amor une, o amor pesa, o amor é a experiência mais séria que podemos conhecer em nossas vidas.” (BECKETT, 1997, p. 204).

A cabeça do homem inclinada na direção da noiva demonstra que está perdido em pensamentos, quase como se ouvisse os pensamentos dela (BECKETT, 1997). O afeto é intenso, segundo Beckett (1997, p. 205), essa pintura é:

[...] uma das pinturas mais ternas já feitas. Poucas descrições do amor mortal revelam tanta profundidade com tanta sutileza. A mão do homem jaz espalmada sobre o busto da mulher e é afetuosa, tanto simbólica quanto fisicamente. A mão da noiva está pousada na dele, como se a completa significância desse enlace residisse bem no fundo no íntimo.

Essas pinturas foram fazendo história e marcando as características de

seu tempo. Aqui essencialmente, procurando conhecer as tradições e costumes românticos. No século XVIII, inicia-se o neoclassicismo, e os primeiros sinais do romantismo são encontrados em 1740.

Na pintura britânica havia uma mistura de tendências românticas e neoclássicas (BECKETT, 1997). Thomas Gainsborough, mostra seu maravilhoso lirismo, onde sempre incluía o ambiente natural em seus retratos. Ele estabelece o estilo forte e característico do retrato inglês na obra “Mr. e Mrs. Andrews” (figura 11), 1749, medindo 71 x 120 cm, onde também podemos apreciar esse ambiente natural, quase que em maior evidência que o casal principal. (BECKETT, 1997).

Figura 11 - Mr. e Mrs. Andrews, 1749



Fonte: <http://www.lib-art.com/tag/artifice.html>

Na pintura, os “jovens recém-casados posam nos campos de seus antepassados, ela no rigor da moda, carrancuda em seu vestido de seda, ele informal e um tanto adolescente” (BECKETT, 1997, p. 240).

Para entendermos um pouco mais da vida dos jovens, Cumming (1998, p. 66) conta que o casal feliz

Robert Andrews e Frances Carter casaram-se em Sudbury, Suffolk, em novembro de 1748. Andrews tinha 22 anos e sua esposa 16. Supõe-se que este retrato duplo tenha sido encomendado para comemorar o seu casamento, e a paisagem é a propriedade do casal em Aubries, perto de Sudbury.

A pintura se torna um momento importante, como o casamento *guardado* para recordar através da arte. Os jovens amantes escolheram uma paisagem de fundo da qual se orgulhavam: sua propriedade.

## 2.2.4 O Pós-Impressionismo e o Século XX

O Pós-impressionismo teve atividade nas últimas décadas do século XIX e na primeira década do século XX. Vieram logo após os impressionistas que segundo Beckett (1997, p. 307):

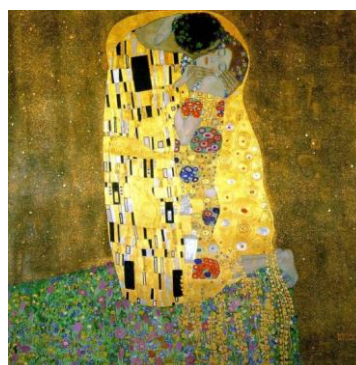
[...] haviam destruído para sempre a crença artística na verdade objetiva da natureza. Os pintores passaram a entender que a visão depende de como vemos e, mais importante ainda, de quando vemos: “olhar objetivo” estava, na realidade, sujeito tanto à percepção quanto ao tempo.

Mais tarde, com a influência do simbolismo, os pintores usavam “cores emotivas e imagens estilizadas para trazer à consciência do observador os sonhos e estados de espírito que experimentavam, por vezes pintando cenas exóticas e oníricas” (BECKETT, 1997, p. 321). Muitos pintores podem ser relacionados tanto ao simbolismo quanto ao expressionismo. O austríaco Gustav Klimt (1862-1918) é um deles. Dentre suas obras destaca-se para o propósito desta pesquisa “O beijo” (figura 12), 1907-08, mediando 180 x 180 cm. Segundo Beckett (1997, p. 325) pode-se dizer que:

O beijo é uma imagem fascinante da perda do eu, uma perda que todos os enamorados vivenciam. Só os rostos e as mãos do casal estão visíveis; todo o resto é um grandioso torvelinho áureo, ornado de retângulos coloridos, como se para expressar visualmente a explosão emocional e física do amor erótico.

Nessa obra de Klimt, a mulher aparece submissa ao homem. Segundo Néret (2000) os modelos do quadro são “o próprio Klimt, segurando a sua amante Emilie nos seus braços”.

Figura 12 – O Beijo. 1907-08



Fonte: Néret, 2000, p. 63

Sobre o beijo, uns dos atos que demonstra o amor entre um casal, vejo também na obra de Constantin Brancusi (1896-1957), momento em que ele abandona as habilidades que adquiriu na escola de arte. Brancusi passa a simplificar suas obras. Trabalhou durante anos tentando representar o beijo na forma de um cubo. Segundo Gombrich (1999, p. 581) ele “queria descobrir quanto o escultor pode retratar da pedra original enquanto a transforma na sugestão de um grupo humano”. O Beijo (figura 13), de Brancusi foi construído em 1907, com altura de 28 cm.

Figura 13 – O beijo, 1907.



Fonte: Gombrich, 1999, p. 581

Brancusi esculpiu outra escultura nomeada *O beijo* em 1916, com altura de 23 cm, dentro desse processo de tentar simplificar as características do objeto representado. Criando formas simples e muito mais expressivas (PROENÇA, 2005).

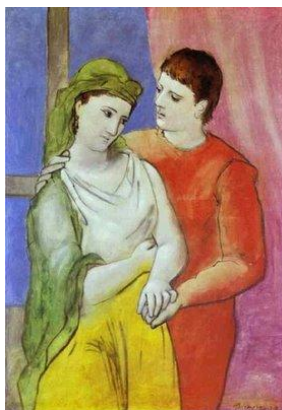
O artista adaptou tão bem o abraço nesse bloco quadrangular, e de modo tão ajustado, que a unidade domina a subdivisão, os dois seres. A finalidade aqui é a unidade do todo. (ARNHEIM, 2005)

Acompanhando as mudanças na arte do século XX, chego ao momento em que Pablo Picasso revolucionou a arte com o cubismo. Picasso não se limitava a um único estilo, mudava da noite para o dia, e as mulheres em sua vida traziam uma onda de criatividade diferente da outra e uma nova visão de mundo. A obra aqui em questão é: *Os amantes*, 1923 (figura 14), que mostra sua veia clássica, sóbria e simples. Picasso estava apaixonado por Olga Kokhlova, uma bailarina, com quem se casou, e cujo relacionamento não durou muito tempo, como todos os outros. (BECKETT, 1997). Analisando a obra, segundo Beckett (1997, p. 349) “há uma



graça que lembra o balé, e Picasso, econômico em termos pictóricos, nunca descartava por completo os estilos”.

Figura 14 – Os amantes, 1923



Fonte: Beckett, 1997, p. 348

Na arte surrealista, cunhada em 1924 pelos artistas que desejavam criar algo mais real que a realidade em si (GOMBRICH, 1999), o artista René Magritte (1898-1967) também utilizou o tema “Os Amantes”, 1928 (figura 15), o qual pintou em várias versões, de forma a preencher as características da obra surrealista. Segundo Paquet (2000, p. 64) um exemplo de tais características é “confundir através do aparentemente familiar, ou ainda melhor, usar o aparentemente familiar para perturbar”.

Figura 15 – Os amantes, 1928



Fonte: Paquet, 2000, p. 64

Mesmo com o tecido cobrindo o rosto do casal, penso que é relevante o carinho de um pelo outro pela aproximação sutil.

### 2.2.5 O Século XXI

No século XXI, a arte busca novas definições, reconhecimento. Com o surgimento da arte contemporânea na metade do século XX, que se prolonga até os dias de hoje, os artistas buscam a cada dia inovar, buscar novos meios de fazer arte, com o intuito de tornar sua obra eterna, diferente de tudo que já foi criado.

A função e o objetivo de uma grande obra de arte, as experiências nela depositadas e o papel do artista não são constantes; variam conforme a época e a sociedade. Contudo, algumas obras se destacam por terem a capacidade de falar de algo além da sua própria época e oferecem uma inspiração e um significado que atravessam os tempos. (CUMMING, 1998, p. 8)

A arte contemporânea veio instituindo novas formas de arte, bem distintas das que conhecíamos, com o avançar do tempo, a passagem dos séculos, vêm trazendo novos suportes e mídias. Esse novo estilo de fazer arte provoca diferentes reações nas pessoas, “a arte contemporânea é mal apreendida pelo público, que se perde em meio aos diferentes tipos de atividade artística, mas é, contudo, incitado a considerá-la um elemento indispensável à sua integração na sociedade atual” (CAUQUELIN, 2005, p. 161). A arte muda, como todas as outras coisas, devemos aprender a nos relacionar com as mudanças. Cocchiarale (2007, p. 67) explica que “a arte contemporânea pode estar em vários lugares simultaneamente desempenhando funções diferentes. Mas, o principal de tudo isso são novos tipos de relação que ela nos faz estabelecer”. A “nova” arte traz muitas situações do cotidiano e manifestações que inserem o espectador na obra, instigando seus pensamentos e memória, “hoje aceitamos sem discussão que, em arte, *nada* pode ser entendido sem discutir e, muito menos, sem pensar.” (ARCHER, 2001, prefácio).

Inspirado no impacto sociológico de uma nova cultura da internet e confirmando o pensamento que diz que “a arte sempre foi produzida com os meios de seu tempo” (MACHADO, 2008, p. 9), Nick Gentry, artista britânico da geração dos disquetes, fitas VHS, polaróides e cassetes, faz um comentário sobre essa *cultura* do desperdício, ciclos de vidas e identidade. Ele utiliza esses materiais que constroem sua memória nas suas obras, por exemplo, aproveita discos antigos como sua tela. Mostra como a humanidade está se integrando com a tecnologia, e tentando resgatar a história digital, que muitas vezes se perde com a velocidade da

sua evolução. E relacionado ao tema em foco deste projeto, encontro várias obras (figuras 16 e 17) de Gentry que representam o amor entre casais. Ele utilizou nestes trabalhos pintura mista, fitas VHS e disquetes sobre madeira<sup>5</sup>.

Figura 16 – Reunion, 2010



Fonte: <http://www.nickgentry.co.uk/>

Figura 17 – Realise, 2009



Fonte: <http://www.nickgentry.co.uk/>

O artista Rubens Gerchman (1942/2008), pintor, desenhista, gravador e escultor, possui muitas obras da série *O beijo* (figura 18). Retrata essa ação que demonstra o amor de diversas formas e em diversos materiais.<sup>6</sup>

Figura 18 – O Beijo, s/d



Fonte: <http://ww.espacoarte.com.br/obras/4751-o-beijo>

A figura 18 revela uma escultura produzida em mármore e mostra o beijo com formas simplificadas. Rubens também representou o beijo na pintura e na xilogravura. A obra *Red Love* (figura 19), é um acrílico sobre tela, de 60 x 60 cm, apresenta o amor à luz do luar, obra simples, mas com tamanha intensidade.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.nickgentry.co.uk/>. Acesso em: 13/05/2011

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.espacoarte.com.br/artistas/276-rubens-gerchman> Acesso: 13/05/2011

Figura 19 – Red Love, s/d



Fonte: <http://www.paulodarzegaleria.com.br/maio-2008.htm>

São muitas as obras que representam essa relação de amor na arte, dentre tantas escolhi algumas. Nessa busca, ainda considero interessante trazer um trabalho para encerrar, nesse momento, com um assunto dos nossos dias, um artista da cidade de Criciúma/SC, que também foi aluno do curso de Artes Visuais da UNESC, Joelson Bugila, que desenvolveu uma série que representa o amor entre casais. A arte é diversificada e rica, sem preconceitos, os preconceitos ficam por parte das pessoas. Nessa obra o artista representa com poucos traços e ícones marcantes a relação entre casais do mesmo sexo (figura 20).

Figura 20 – Nome desconhecido, 2011



Fonte: <http://galeriafcc.blogspot.com/2011/03/exposicao-buuu.html>

A figura 20 faz parte de uma série de obras do artista que podem ser classificadas como arte urbana<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Arte Urbana é o termo utilizado para designar os movimentos artísticos relacionados com as intervenções visuais das grandes metrópoles. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/7694263/Arte-Urbana>. Acesso em: 25/05/2011.

Bugila produziu uma série de *Stickers*<sup>8</sup> com essas imagens, e as colou coladas nos muros e paredes da cidade. Muitas pessoas ainda não estão habituadas com esse tipo de arte, declarando ser insulto, depredação do patrimônio público, dentre outros, que não cabem na perspectiva deste trabalho, muito menos ao seu enredo poético e romântico.

Portanto, diante da breve pesquisa acerca da história da arte, percebo que muitos dos casais representados poderiam ter encomendado seus retratos para colocar em sua casa, para recordar um momento alegre e feliz, como um casamento, ou apenas para que sempre que passar em frente da obra lembrar a sua amada (o). Hoje a arte pode ter outros intuitos em representar o amor, mas ainda assim pode surgir o questionamento de como poderíamos demonstrar uma relação de amor no presente? Como demonstrou o artista Bugila? Como ilustrar a história de alguém que ama? Ou amou? O que essa pessoa, ou casal, guarda para recordar esse amor? Quais os objetos e símbolo que lhe são importantes?

Vou construindo assim, uma poética própria que materializo enquanto uma produção artística, que a princípio chamo de: “Cabe no amor de alguém”, o que veremos no capítulo 4 deste enredo.

---

<sup>8</sup> Sticker Art é um tipo de Arte urbana, movimento artístico que se popularizou na década de 90 entre grupos de cultura urbano-alternativa. É uma maneira de enfeitar ruas ou outros ambientes de modo pessoal, seja para transmitir uma mensagem, um sentimento ou manifestação, ou só para enfeitar mesmo. Colados em placas, muros, quadros de energia, postes, etc. Disponível em: <http://www.blckdmnds.com/sticker-art/>. Acesso em: 25/05/2011.

### 3 O AMOR ENTRE CASAIS NA ARTE

Amor é um fogo que arde sem se ver,  
É ferida que dói e não se sente,  
É um contentamento descontente,  
É dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer,  
É um andar solitário entre a gente,  
É nunca contentar-se de contente,  
É um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade,  
É servir, a quem vence, o vencedor,  
É ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar pode seu favor  
Nos corações humanos amizade,  
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?<sup>9</sup>

É nesse “querer estar preso por vontade”, como diz Camões, que compreendo como se fez presente a relação de amor entre casais em quase todos os períodos da história das Artes Visuais. Sei que o que apresento neste trabalho é uma pequena parte de um vasto número de obras produzidas sobre o tema em questão, mas entendo que não seria possível abranger todas pelo curto período de pesquisa. Falo aqui em quatro meses, tempo em que amplio uma “vontade de estar presa”, na perspectiva da representação do amor entre casais na arte, que é do que venho falando. Mas essa retomada ecoa nos versos de Camões, também, no exercício de “contentamento descontente”, de quem depois que busca, reencontra, encontra, desencontra, porque o amor nas artes tem vida, e tão por isso sustenta uma poética que vem provocando imagens, recortes, ideias e formas que vão se materializando no exercício de mais uma produção artística, a que será apresentada posteriormente.

Noto que em cada período aparece uma maneira diferente de representar tal relação de amor entre casais, a obra querendo ou não, testemunha características do tempo em que foi criada. A vestimenta é uma diferença aparente em cada obra analisada, e relevante enquanto característica, é como as formas de representação do amor, mudaram com o passar dos anos, nesse momento. O

---

<sup>9</sup> Luiz de Camões - Sonetos da edição de 1598. Disponível em: <http://fredb.sites.uol.com.br/lusdecam.htm>. Acesso em: 18/05/2011.

respeito do homem perante a mulher, a maneira de demonstrar o amor, o carinho evidenciado por ambos, e dentre tantas outras características, ressalto o beijo como um gesto de amor entre os amantes.

Como estampar o amor em um trabalho acadêmico? São tantos os tipos de amor, que, ainda me pergunto que amor é esse?

### 3.1 Amor? Que amor? O Cupido inspirando pincéis

Existem muitas formas de explicar o amor ou a forma e estilo de amar, “não há dúvida de que o amor é um assunto difícil de lidar. Talvez seja como caminhar onde os anjos têm medo de andar.” (BUSCAGLIA, 1972, p. 71).

Buscando uma definição mais filosófica, Gikovate (1983, p. 60) diz que:

[...] o amor é um estranho sentimento muito pouco conhecido, sem regras, que leva as pessoas a melhorar sua auto-estima, a se avaliar melhor, a confiar mais no seu discernimento e, portanto a atuar conforme um modo próprio e individualizado de ver o mundo e as coisas.

Muitos tentam definir o amor de alguma forma, mas o sentimento se coloca amplo para ser definido com palavras ou encaixado em um único molde.

[...] o amor caiu nas mãos do santo que o define em termos de um estado de alegria e desilusão; do filósofo que o analisa em seu estilo racional, detalhado e em geral obscuro. Não parece que o amor se encaixe em nenhum desses moldes, pois pode estar em todos ao mesmo tempo: um estado de êxtase, um estado de alegria, um estado de desilusão, um estado racional ou um estado irracional. (BUSCAGLIA, 1972, p. 71)

Ainda que confuso de entender, e às vezes impossível, o amor é o mais celebrado dos afetos, e aparece em várias “linguagens” da arte. Sabe-se também que a “noção do amor é uma questão filosófica fundamental e diz respeito ao outro”. (FEITOSA, 2004, p.147).

Quando pensamos em responder o que é o amor, surgem primeiro, vários exemplos como:

[...] há o amor passional, mais ligado ao desejo sexual; há o amor condicionado pelo sangue em comum, o amor do pai ou da mãe pelo filho ou do irmão pelo irmão; há ainda a amizade, que não é uma ligação sensual ou familiar, é uma afeição pelo próximo conhecido; e há finalmente a caridade, o amor pelo próximo desconhecido. (FEITOSA, 2004, p. 149).

Fico me perguntando como materializar esses diferentes tipos de sentir sobre um mesmo sentimento de mesmo nome. Feitosa (2004, p. 149) explica que “a

desconfiança velada contra o corpo e seus afetos rege a classificação dos vários tipos de amor”. O amor entre casais está totalmente ligado à dimensão do corpo e seus afetos.

O amor como um desejo de fusão, quando os amantes se tornam um, é uma das características básicas e essenciais para o tipo de amor do qual venho tratando neste trabalho. Esse amor encontra em Hegel<sup>10</sup> (2002 apud FEITOSA, 2004) seu maior defensor. O amor do seu jeito é uma unidade equilibrada de opostos.

Mas Hegel esperava que o amor resolvesse os problemas éticos e políticos. Descobriu então que o amor também poderia trazer problemas, pois quem ama, ama sem razão, e da mesma maneira que ama pode deixar de amar também sem razão, por se tratar de um sentimento, também pode ser finito. Ele então, ao invés de apostar no amor, aposta na razão, pois a razão produz contratos e instituições como o casamento, a razão segue leis, evitando assim, as inconstâncias típicas do amor. (HEGEL, 2002 apud FEITOSA, 2004). Mesmo tendo em mente que o amor é inconstante e tanto finito quanto infinito, este trabalho busca apenas os sentimentos bons trazidos pelo amor recíproco entre um casal, pois sabemos que atrás de todas as instabilidades do amor há a relação mais bela e intensa entre um casal.

Vejo quão profundo pode ser esse sentimento e como é sentir isso. Johnson (1987, p. 42) descreve que “amar alguém é ver a pessoa como realmente ela é, e apreciá-la pelo ser que é, com suas falhas, com suas banalidades, com sua magnificência”.

Pesquisando o amor vejo que existem muitos mitos e símbolos na sua representação. Na mitologia Grega, por exemplo, narram a história do deus Eros, que na versão romana se chama Cupido. Nas obras de arte Eros costumava ser representado de duas maneiras, ora como jovem belo e sensual ou como criança alada (FEITOSA, 2004). Diz a lenda que a capacidade de voar do cupido “ênfatiza o caráter lúdico do amor e sugere a ideia de que Eros também tem o poder de conferir asas a quem é dominado por ele” (FEITOSA, 2004, p. 147).

---

<sup>10</sup> Georg Wilhelm Friedrich Hegel foi um dos mais influentes filósofos alemães do século XIX. Escreveu sobre psicologia, direito, história, arte e religião. Disponível em: [http://www.netsaber.com.br/biografias/ver\\_biografia\\_c\\_487.html](http://www.netsaber.com.br/biografias/ver_biografia_c_487.html). Acesso em: 25/05/2011.



Diante dos mitos sobre o amor há também os da sua unidade originária, como Eros ou Cupido. O comediógrafo Aristófanes (444-385 a.C.), exerce sua participação, em *O Banquete* explicando que:

[...] o amor surgiu a partir de uma cisão originária. Segundo ele, os seres humanos de antigamente eram compostos de duas partes, reunidas na forma de uma esfera, com duas cabeças, quatro braços e dois sexos (masculino/feminino, masculino/masculino ou feminino/feminino). Eles eram muito orgulhosos de seu poder e tentaram invadir o céu, território de deuses. Como punição por essa transgressão, cada um deles foi partido em duas partes estanques. As metades violentamente cindidas sofriam muito pela perda da respectiva metade complementar (do mesmo sexo ou do sexo oposto) e desejavam intensamente uma reunificação. Então Zeus cria Eros: para reconstituir a totalidade originária que se perdeu, fazendo de dois uma unidade e assim curar a natureza humana. (apud FEITOSA, 2004, p. 154)

Nesse mito da unidade originária do amor, há uma lógica escondida, que durante a história da humanidade fez o amor ser experimentado e pensado. Feitosa (2004, p.156) diz que “o desejo pelo outro é marca de uma falta, que precisa ser corrigida”. Esse pensamento tem movido corações, mesmo sem um saber específico sobre o que se sente. Para o autor: “Amar significa essa perspectiva de buscar a fusão de dois em um, curar um meio ser humano transformando-o em um ser completo” (FEITOSA, 2004, p. 15).

Muitas vezes o amor era associado à roda da fortuna<sup>11</sup>, essa associação sugere não apenas que “o amor não segue regras, a não ser as do destino ou acaso, mas que também está sempre em movimento, como a própria vida”. (FEITOSA, 2004, p.148).

Uma das lendas de amor mais antigas da mitologia que compreende a figura do cupido é a história de “Eros e Psique”, Eros é filho da deusa do amor Afrodite. Conta a história que Psique era uma linda princesa, adorada por todos como uma deusa e Afrodite, por ter inveja dela, mandou que a amarrassem em uma pedra no alto da montanha para esperar a morte, e ainda para se certificar de sua destruição mandou seu filho Eros para fazê-la se apaixonar por um monstro que viria buscá-la.

Eros vai à montanha, mas, ao vislumbrar Psique, acidentalmente espeta o dedo em uma de suas flechas e apaixonou-se por ela. Imediatamente decide tomar a jovem por esposa e pede ao Vento Oeste, seu amigo, que a

---

<sup>11</sup> A roda da fortuna era um símbolo muito comum na Antiguidade e na Idade Média, usado para expressar as reviravoltas da sorte. (FEITOSA, 2004, p. 148)

transporte gentilmente do topo do rochedo ao vale do Paraíso, o que é feito. (JOHNSON, 1987, p. 22)

A lenda de Eros e Psique foi representada por muitos artistas ao longo da história da arte. O escultor italiano Antonio Canova (1757-1822), foi um dos artistas que capturou para a eternidade em uma escultura de Mármore, feita em 1787-1793, o momento do beijo do amor (figura 21).

Figura 21 – Eros e Psique. 1787-93



Fonte: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2007/09/22/a-obra-prima-do-dia-74388.asp>

Além das lendas e mitos também existem muitos símbolos tradicionais do amor, como:

[...] o *lingam* da Índia, o símbolo Yin-Yang da China, a própria cruz formada pelo poste vertical do eixo do mundo e o travessão horizontal da manifestação, quer dizer símbolos de conjunção, ou melhor, expressam a meta final do amor verdadeiro: a destruição do dualismo, da separação, a convergência numa combinação que origina o ‘centro’ místico, o ‘meio invariável’ dos filósofos do Extremo Oriente. (CIRLOT, 2007, p. 74).

Além destes, o autor traz os símbolos mais universais do amor “A rosa, a flor de lótus, o coração, e o ponto irradiante” (CIRLOT, 2007, p. 74). Contudo, identifico como o mais comum de todos os símbolos a imagem do coração estilizado, o qual segundo o autor: “popularizada pelo cristianismo, mas é encontrada nas culturas antigas e até pré-históricas, embora não se saiba ao certo a origem dessa associação”. (FEITOSA, 2004, p. 149).

Muitos são os que falam sobre o amor e suas manifestações. São eles, filósofos, escritores, artistas, músicos e pessoas que não escrevem sobre, mas falam, mesmo sem saber concretamente o que estão dizendo. Descrevem o que

sentem enquanto amam, são amados, e sentem o prazer do amor. É um pouco dessa história que compõem a poética da produção artística dessa proposta.

## 4 A POÉTICA DO BEIJO: CONSTRUÇÃO PESSOAL

Diante do tema aqui estudado, busco o recorte para a principal característica que observei: um ponto fulminante da representação do amor na arte, o *beijo*. No exercício de uma poética pessoal, penso que é pertinente cada vez mais saber sobre o beijo, sua história, como é visto em alguns países. Proponho, a partir dessa ideia, conferir em um enredo de memórias e pensamentos fictícios a criação de **um painel de memórias do amor**, seu principal personagem, **o beijo**, suas manifestações, do instinto ao amadurecimento.

O presente desafio se materializa no exercício de um fazer artístico que no seu processo (produção/apreciação) aponta para uma resposta (a qual ecoa no olhar do outro enquanto outras tantas possibilidades de respostas) ao problema aqui evidenciado: *Quando a relação entre casais representados nas artes visuais evidencia o amor e o que caracteriza essa produção em diferentes épocas e lugares?*

### 4.1 A história do beijo: Um gesto de amor

Beijo? Um reflexo? Uma reação ao sentimento? Um instinto? Uma ação de reposta do amor? São tantas dúvidas.

Quando se ama, surge “uma aflição no peito que não sabemos direito se nasce na cabeça ou no doce encontro de duas bocas” (CARNEIRO, 2003, p. 6). Você pode beijar antes de conhecer e amar depois do beijo, ou conhecer antes, amar e depois beijar, a vida é cheia de surpresas, mas Carneiro (2003, p. 6) diz que “o beijo volta como a primeira referência do gesto de amor”.

São diversas as reações que sente quem ama, quem beija, mas Carneiro (2003, p. 6) afirma que “é o beijo escondido, o beijo proibido, o beijo inocente que dá mais dor de barriga”. Você se sente estranho, mas no fim nunca esquece a satisfação, o sorriso, a sensação depois de um beijo ‘daqueles’, arrisco a afirmar.

Existe beijo de todo jeito, o que justifica no dizer de Carneiro (2003, p. 11): “Por isso mesmo, também foi representado de centenas de maneiras. Na escultura quase minimalista de Brancusi, datada de 1907, o casal enlaçado demonstra sua paixão com boca na boca, olho no olho, tudo em poucos traços.”

Figura esta que faço referência na página 31 dessa investigação (figura 13). O beijo é tão especial que tem até dia internacional, dia 13 de Abril (Carneiro, 2003).

Muitos já beijaram e continuam beijando, cada um da sua maneira, no seu tempo, com os seus sentimentos. O beijo dado enquanto um dos gestos de amor entre um casal é muito antigo. Mas, quais foram as primeiras manifestações do beijo na história? Estudos revelam que:

[...] o primeiro beijo erótico foi trocado aproximadamente 1500 a.C. na Índia. Antes desse tempo não há nenhuma evidência (tabuletas de argila, pinturas em cavernas ou registros escritos) que indiquem o histórico do beijo. Bryant<sup>12</sup> disse também que o ato de friccionar e pressionar os narizes e a troca das línguas entre amantes, se popularizou aproximadamente em 1500 a.C. (CARNEIRO, 2003, p.11)

Esse é o encontro datado das primeiras manifestações do beijo entre casais que é o que procuro encontrar. É importante ressaltar que “foram os romanos que descobriram o beijo. Eles beijavam-se cumprimentando uns aos outros, beijavam as vestes e os anéis de seus líderes e estátuas dos deuses, mostrando submissão e respeito.” (CARNEIRO, 2003, p.11).

Esse gesto do ser humano, falo do ato de beijar, acompanha sua vida desde quando nasce. É uma das demonstrações de carinho mais antigas:

É muito comum o bebê aprender a dar beijinhos antes mesmo de falar. Na infância, já sabendo o que é o beijo, a criança depara com histórias como a da Bela Adormecida. Na pré-adolescência, o beijo ganha, de fato, uma relação mais sensual. A menina passa a imaginar que aquele príncipe de faz-de-conta se parece muito com o colega da carteira ao lado. E vice-versa. Assim como os relacionamentos, o beijo também amadurece. Basta se lembrar do primeiro. Qual adolescente não se desesperou pelo fato de não saber beijar na iminência do primeiro encontro? (CARNEIRO, 2003, p.12)

Muitos dizem que o primeiro beijo você nunca esquece, pois, fazem-se “experiências sempre inesquecíveis e especiais, além de funcionarem como prévia do que vem a seguir. A partir do beijo, podemos entender ou captar um pouco da química que existe entre nós e o outro” (CARNEIRO, 2003, p.18). O beijo pode causar sensações incríveis no nosso corpo, alma e mente.

Há muito para falar sobre o beijo, suas diversas manifestações no mundo, como surgiu em diferentes países, qual era seu uso, como era visto e como ainda é.

---

<sup>12</sup> Bryant, professor do departamento de antropologia no Texas A&M. (CARNEIRO, 2003, p.11)

Mas não cabe a esta pesquisa tamanha investigação, busco apenas frisar o importante para designar esse gesto de amor do casal que se ama. Posso dizer que o relevante para esse trabalho é que:

[...] o beijo tornou-se matéria-prima importante no cinema, nas artes-plásticas, na literatura - até beirando o exagero. O beijo amoroso é visível em todo lugar, virou objeto da publicidade, notícia e vítima de escândalos. Nas novelas é parte da eterna trama de quem fica com quem. Felizmente, apesar da vulgarização, continua a ser uma metáfora da paixão. (CARNEIRO, 2003, p. 20)

No capítulo 2 trago algumas das obras que apresentam essa representação, que foram importantes para a escolha do tema e para realizar minha produção artística ligando esse gesto com o amor. O beijo, 1886 de Auguste Rodin (figura 22), “talvez seja a representação mais perfeita do que entendo por beijo” (CARNEIRO, 2003, p. 23), momento em que o artista imortaliza o beijo.

Figura 22 - O Beijo, 1886



Fonte: <http://www.andrewgrahamdixon.com/archive/readArticle/72>

Nessa escultura podemos observar uma representação fiel à realidade, como Rodin dominava a técnica e a reproduziu com perfeição:

O homem protege com a mão direita o ventre da mulher que, de sua parte, dá o tom e a intensidade do beijo, com o braço esquerdo, "enlaçando" o pescoço do seu amado, controlando assim a aproximação das bocas. É um beijo frontal, pleno, perfeito! (CARNEIRO, 2003, p. 23)

São gestos e atitudes, momentos e sentimentos que fazem a diferença no seu modo de viver, de ver a vida, cada um faz sua parte, que se torna decisiva na relação de amor entre um casal.

## 4.2 Construção pessoal: Cabe no amor de alguém

Trato do beijo como característica e ponto marcante da minha produção artística. Trazendo minhas recordações como proposta, uma viagem pelos sonhos e memórias guardadas desde adolescente com a descoberta da paixão. Histórias contadas pela minha avó, por exemplo, de quando ela namorava meu avô. Naquela época sentavam cada um em uma ponta do mesmo banco, e apenas trocavam olhares, as mãos quase não se tocavam e a lua iluminava o momento. Tenho uma veia romântica, de nascença. Meus pais trocavam cartas e bilhetes românticos durante o namoro. Fazendo jus a tradição da família, sempre sonhei acordada com pensamentos e histórias românticas. De alguma forma o amor conduziu minha vida, com filmes, agendas, diários, misturando sonho e realidade, estabelecendo o que sou hoje.

Nessa perspectiva, trago a construção de um painel de memórias do amor. Onde, num quebra-cabeça de elementos, cartas, desenhos e outros, monto um conjunto de histórias guardadas, que formam minha identidade, referente a histórias ouvidas, lidas, filmes assistidos, momentos vividos e outros que se sonha viver. Agrego ao quebra-cabeça também as experiências que tive com essa pesquisa. E tudo que me motivou escolher este tema.

A criação dessa obra parte da necessidade de unir toda uma história de guardados e vivências de alguém que pensa o amor, com príncipes encantados, contos de fadas, em flutuar no ar e pisar em nuvens de algodão. Como parte de um ensinamento, remeto-me a minha mãe, na sua caixa repleta de lembranças, cartas, cartões, que o tempo mostra com o amarelo das folhas o quão importantes são por estarem guardadas há tanto tempo. Acompanhei os passos da minha mãe e também escrevi muitas cartas e guardei coisas que me eram importantes. Tive diários e muitas agendas, onde me debruçava por horas a fio.

A construção desta ideia de produção artística se deu inicialmente pela pesquisa nas caixas de recordação da minha mãe e nas minhas. Separei cartas e cartões antigos. As recordações guardadas te levam ao passado, revendo os acontecidos, como se estivesse lá novamente. Pollak (1992, p. 5) fala que “a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.” A construção da

memória de um indivíduo vai formando sua identidade, sua imagem, as vivências e recordações formaram minha identidade romântica.

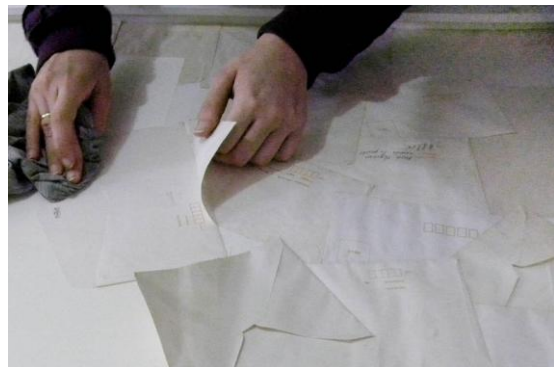
Reuni inspiração nessa busca por histórias guardadas, pelo amor que não se perdeu, e que ainda vive dentro de nós. Um amor intenso e verdadeiro. As cartas que meus pais trocavam. Minha mãe sempre me conta que não era por estarem longe e não se verem e sim porque ali escreviam tudo o que o coração dizia durante a semana, o que gostariam de dizer e não conseguiam. Ali depositavam os sentimentos mais profundos e, quando se viam trocavam bilhetes e escritos de amor. Para a minha produção artística separei vários envelopes, os quais guardavam palavras de amor, guardavam história, e um tempo de trocas de carinho por palavras. Os envelopes amarelados pelo passar dos anos, representando que nem o tempo apaga o amor verdadeiro, e que as recordações de um amor ficam escritas na alma de quem ama, ou amou um dia. Esses envelopes foram fixados no painel um por cima do outro como a passagem do tempo e as marcas de um dia após o outro, nesses envelopes ainda encontro algumas marcas da escrita do meu pai endereçando cartas a minha mãe, através de poesia (figuras 23 e 24).

Figura 23 – Caixa de cartas guardadas.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 24 – Etapas iniciais de desenvolvimento do painel.



Fonte: Arquivo Pessoal

Todas as outras etapas de construção do painel seguem com recordações e vivências, unindo também meus escritos, cartas, folhas com poesias, representando as cartas que já enviei e os sonhos do amor, e desenhos que enfatizam todas as outras memórias. Partindo de histórias lidas, vividas e conhecidas através de pesquisa, a representação dos retratos de tantos casais marcados para história da arte, de um amor vivido e agora recordado, por outra pessoa que nem estava lá quando se amaram, mas o mais incrível seu amor, sua



relação permanece através da arte, e da marca deixada por um artista que, muitas vezes, foi contratado.

Figura 25 – Etapa de desenvolvimento da obra – escrita, 2011.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 26 – Etapa de desenvolvimento – desenhos, 2011.



Fonte: Arquivo Pessoal

As etapas de construção da obra seguem como a caneta que desliza sobre o papel (figura 25), com palavras sonhadas em dizer bem baixinho no ouvido de quem se ama. Com cada ponto e traço, o lápis passeia, as formas vão aparecendo (figura 26). Com cada beijo e pensamento, crio mais um cantinho que traz no coração um estalo. Guiada pelo amor, conduzo os últimos retoques (figura 27).

Figura 27 – Cabe no amor de alguém, 2011. Luana Venson.



Fonte: Arquivo Pessoal

O painel foi feito em MDF<sup>13</sup> e possui 150 x 80 cm. Utilizei folhas A3 de papel *Canson* bege para forrar o fundo; folhas de caderno antigo, amareladas para sugerir a ideia de cartas escritas; batom vermelho para marcar o beijo; desenhos feitos com grafite (lápis 2B, 6B e 9B); caneta esferográfica preta e vermelha para escrever frases e poesias; e alguns elementos como clipes, para retoques finais. . A produção artística foi realizada na minha casa, em aproximadamente uma semana.

As recordações estão na memória, e agora nesse *quebra-cabeça*, que encaixa cada detalhe e elemento, formando um monte de “coisas” que cabem no amor, ou seja: no amor de alguém. Outras pessoas também podem ter vivido, sonhado ou passado por experiências parecidas. O amor sempre toca as pessoas, cada uma na sua maneira, e foi com esse intuito de pensar que tudo que represento e apresento nessa produção artística possa também estar nas memórias e vivências do outro que a nomeio como: “Cabe no amor de alguém”.

Essa produção me toca intimamente, por trazer recordações boas e pensamentos de uma vida, como se todo aquele cuidado em guardar as lembranças agora pudesse ter um novo destino, uma nova proposta, um novo “uso”, levando ao espectador a relação de um amor vivido, sentido e transmitido. As marcas que o amor deixa, não só no coração e nas memórias de alguém, mas ainda nos papéis e

<sup>13</sup> MDF: *Medium Density Fiberboard* - Fibra de madeira de média densidade. Disponível em: <http://www.guiadomarceneiro.com/madeira/?gdm=mdfs> Acesso em: 07/06/2011.

escritos de pessoas que um dia amaram, que amam, e demonstram esse amor também com traços, letras e muito sentimento. É como um vento que te toca de leve acaricia seu rosto, fecha seus olhos para um sonho íntimo, um suspirar intenso, onde o ar percorre seu corpo e toca o coração que pulsa forte, um sorriso sai delicadamente de seus lábios e te entrega: é o amor.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei a pesquisa, existia uma vontade imensa de falar algo que também falasse de mim, de pesquisar o que movia minha vida, juntar o amor e a arte me veio em primeira instância. Iniciei com o intuito de saber quando a relação entre casais representados nas artes visuais evidencia o amor e o que caracteriza essa produção em diferentes épocas e lugares. Confesso que pensei que não encontraria tantas obras assim. A cada descoberta, surgia um sorriso de satisfação. Fui a cada dia pesquisando e encontrando mais evidências da relação entre casais na arte. Cada livro que abria, lá estava um casal para conhecer, foram tantos que tive que selecionar alguns por período e tempo.

A amplitude do desafio foi costurando um caminho que cerca o problema na tentativa de elucidá-lo, mas sei dos limites de tempo e que nesse exercício é possível que não tenha dado conta de responder claramente o problema em questão, mas acredito que ele se fez como uma bússola e foi dando rumo a essa conversa.

Desde o mundo antigo encontrei casais esculpidos em pedra; no oriente, romances em pergaminhos persas; casais esses que provam que o amor ultrapassa as eras. Casais eram esculpidos em túmulos, como se o amor deles ultrapassasse a vida, para viverem juntos na eternidade. As características encontradas nessas obras evidenciam o sentimento, os olhares, as mãos, sugerem o carinho entre ambos. Como hoje casais contratam fotógrafos para recordarem o momento do seu casamento, assim também o faziam em épocas passadas com os artistas, como por exemplo, na obra de Jan Van Eyck, “O casamento dos Arnolfini” em 1434 (figura 5). Pude conhecer casais da mitologia, bíblicos dentre tantos outros. Mais tarde, o beijo aparece como um gesto de amor, dando mais expressão ao sentimento.

Durante esses meses de estudo foi como se cada dia estivesse reescrevendo uma página da minha história, conhecendo novas pessoas, percebendo novos olhares e inspirações de cada obra. Conheci mais sobre o amor, esse sentimento difícil de explicar, mas com tamanha intensidade. O amor toca, você sente, percebe e não sabe o que sente, mas sabe que é bom, mesmo que seja estranho. O amor aqui foi posto como uma possibilidade de reflexão na arte, como traz Tolstoi (2002), quando diz que a arte pode ser uma transmissão de sentimentos do bem, que contaminam o espectador. O artista então comunica por sinais externos

os sentimentos que vivenciou, para que outros possam ser contaminados com esse sentimento, e também possam sentir e experimentar.

A arte tem o papel de materializar o indizível, os sentimentos, as memórias de alguém, formando um ciclo, instigando pensamento, tocando corações, motivando vivências e transformando outras. O espectador interfere diretamente na obra e a obra também nele. É uma troca de informações e sentimentos que são gerados como um turbilhão de informações. Cada pessoa na sua individualidade vê a obra diferente e a completa na sua maneira.

Essa pesquisa foi desenvolvida com o intuito de, como resultado final ter uma produção artística, pois se trata de uma pesquisa em arte. Esta pesquisa em arte me proporcionou uma experiência sobre o caminho poético e estético que estava percorrendo, somando ideias para a construção de uma produção artística.

Analisando todas as características evidentes nas obras que encontrei, pude perceber uma delas com mais intensidade, que trouxe a poética para minha construção artística: o beijo. Como um gesto do amor, e amar, e transmitir ao outro o sentimento vivido, o exercício artístico foi se construindo.

A experiência mais íntima com a arte me fez perceber o quanto é importante o fazer com significado, o fazer diferente, pensar o eu, pensar o que está próximo de mim, e o que move a minha vida e existência, a formação da minha identidade, do meu ser. A arte e o amor: existe combinação mais perfeita?

## REFERÊNCIAS

- ARCHER, Michael. **Arte contemporânea: uma história concisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ARNHEIM, Rudolf. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- BECKETT, Wendy. **História da pintura**. São Paulo: Ática, 1997.
- BUSCAGLIA, Léo. **Amor**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1972.
- CARNEIRO, Pedro Paulo. **Dossiê do beijo: 484 formas de beijar**. Petrópolis: Catedral das Letras, 2003.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. São Paulo: Martins, 2005.
- CIRLOT, Juan Eduardo. **Dicionário de símbolos**. 4ª ed. São Paulo: Centauro, 2007.
- COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Massangana, 2007.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CUMMING, Robert. **Para entender a arte**. São Paulo: Ática, 1998.
- DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. 4.ed. Campinas, SP: Ed. Papirus, 1995.
- FEIST, Hildegard. **Pequena viagem pelo mundo da arte**. São Paulo: Moderna, 1996.
- FEITOSA, Charles. **Explicando a filosofia com arte**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- GIKOVATE, Flávio. **Falando de amor**. 5ª ed. São Paulo: MG, 1983
- GOMBRICH, E. H. **A história da arte**. 16ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- JOHNSON, Robert A. **She: A chave do entendimento da psicologia feminina**. São Paulo: Mercury, 1987.
- MACHADO, Arlindo. **Arte e mídia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- MARTINS, Rosilda Baron. **Metodologia científica: como tornar mais agradável a elaboração de trabalhos acadêmicos**. Curitiba, PR: Juruá, 2004.

MICHAELIS: dicionário prático da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MORAIS, Frederico. **Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre arte e o sistema da arte**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

NÉRET, Gilles. **Klimt**. Taschen, 2000.

NUOVO Cinema Paradiso. Direção de Giuseppe Tornatore. Itália, 1988. 1 DVD (124 min.). Color, son.

OSTROWER, Fayga. **Universos da arte**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1987.

\_\_\_\_\_. **Criatividade e processos de criação**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

PAQUET, Marcel. **René Magritte**. Tradução: Lucélia Filipe. Berlim: Taschen, 2000.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p.200-212, 2 fev. 1992. Disponível em:  
<<http://www.unifra.br/professores/rangel/mem%C3%B3ria%20e%20identidade.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2011.

PROENÇA, Graça. **Descobrimo**: A história da arte. São Paulo: Ática, 2005.

TOLSTOI, Leão. **O que é arte?**: A polêmica visão do autor de Guerra e paz. São Paulo: Duetto, 2002.

ZAMBONI, Silvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência**. 3ª ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2006.